

ANAIS DO CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST

ANAIS. EST. EDU. BR/CONGRESSO



PENSAR, AO MESMO TEMPO, A PARTIR DA DIFERENÇA E DA IGUALDADE: UM DESAFIO EPISTEMOLÓGICO, TEOLÓGICO, ÉTICO E JURÍDICO

THINKING AT THE SAME TIME THROUGH DIFFERENCE AND EQUALITY: AN EPSTEMOLOGICAL, THEOLOGICAL, ETHIC AND LEGAL CHALLENGE

Noli Bernardo Hahn¹

Resumo

O tema centra-se numa forma de pensamento em que a diferença e a igualdade integram-se, ao mesmo tempo, num mesmo ato de pensar. O desafio, no nível epistemológico, está em superar um jeito dual, paralelo ou binário de construir o pensamento. O desafio epistemológico se situa, também, em superar um pensamento fonocêntrico, em que uma voz essencial impõe-se e anula todas as vozes que não derivam dessa voz central. O desafio teológico converge ao entendimento de um Deus que diz a palavra divina inspirada a partir de lugares e contextos múltiplos. O desafio ético está em construir e internalizar valores em que se acolhem diferenças e que possibilitam humana convivência. O desafio jurídico, mesclando igualdade e diferença, numa sociedade multicultural, como a brasileira, que constrói e internaliza lentamente uma cultura democrática, localiza-se fundamentalmente no acesso à justiça.

Palavras-chave: Diferença/Igualdade. Direito. Teologia.

Abstract

The theme focuses on a way of thinking in which the difference and equality are integrated at the same time, in the same act of thinking. The challenge, in the epistemological level, is overcoming a dual way, parallel or binary construction of thoughts. The challenge is also on how to get over a phonocentric thought, where an essential voice impose and void all the voices that aren't from the main voice. Draws together to the understanding of a GOD that say a divine speech inspired from a multiple context places. The ethic challenge is on how to build and internalize beliefs those includes difference and make possible human being. Legal challenge that mix equality and difference in a multicultural society, as is the Brazilian society, that slowly internalize a democratic culture, is fixing itself mainly on justice access.

Keywords: Difference/Equality. Rights/Law. Theology.

¹ Doutor em Ciências da Religião, pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduado em Filosofia e Teologia. Possui formação também em Direito. Professor Tempo Integral da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI - Campus de Santo Ângelo, RS. Pesquisa temas inter-relacionando direito, cultura e religião. Integra o Corpo Docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado em Direito. Participa do Grupo de Pesquisa Novos Direitos na Sociedade Globalizada, registrado no CNPq e base de sustentação da linha de pesquisa Direito e multiculturalismo, do Mestrado em Direito da URI. E-mail: nolihahn@santoangelo.uri.br

Considerações Iniciais

Pensar, ao mesmo tempo, a partir da diferença e da igualdade, num mesmo ato de pensar, é um dos grandes desafios da atualidade. O pensamento moderno ensinou-nos a separar e não re-ligar. A modernidade, ao construir uma ciência em que se entendia que a construção do conhecimento se processava na relação sujeito-objeto, aculturou-nos numa forma de pensamento binário, dualista e separatista. As incidências práticas desse modelo de pensamento mostram-se em tragédias, em vários níveis: Povos autóctones foram dizimados; a natureza foi destruída; indivíduos intransigentes e violentos foram assim educados; fundamentalismos étnicos, políticos, religiosos e científicos foram se afirmando; a violência de gênero foi se amplificando. Estas são algumas realidades, entre outras, que podem ser lembradas.

O modelo de pensamento moderno, através de sua lógica dual, foi decisivo para que valores humanistas como a tolerância, a acolhida, a convivência, o respeito à diferença fossem sendo desconsiderados. A modernidade educou o ser humano afirmando que o bem e o mal se situam em polos separados e não se encontram e muito menos se misturam. O texto bíblico foi interpretado no sentido de que o joio e o trigo não crescem juntos. De tal modelo resulta o entendimento que, de um lado, encontram-se os bons e, de outro, se situam os maus.

Neste breve artigo, procura-se refletir o desafio epistemológico, teológico, ético e jurídico de interligar, num mesmo ato de pensar, a igualdade e a diferença, questionando-se, dessa forma, a lógica dual do pensamento moderno. Apontam-se, também, as incidências práticas desse jeito de pensar para alcançar o acesso à justiça com maior abrangência social. A reflexão feita, a seguir, segue a seguinte lógica: inicia-se apontando a necessidade de uma racionalidade descentrada que desautorize uma racionalidade fonocêntrica, em que uma voz essencial/central de sentido se imponha sobre múltiplas vozes sem sentido e sem significado; na ótica teológica, sinaliza-se para o entendimento de um Deus que diz a palavra divina, sendo esta inspirada a partir de lugares e contextos múltiplos; no nível ético assinala-se para a construção e a internalização de valores em que se acolhem diferenças e que possibilitam humana convivência; na dimensão jurídica, aponta-se para a abrangência social de acesso à justiça quando a diferença e a igualdade se correlacionam formal e substantivamente.

O desafio epistemológico

Para pensar, ao mesmo tempo, a diferença e a igualdade, num mesmo ato de pensar, recorre-se à contribuição filosófica do pensador argeliano (francês) Jacques Derrida.² Este autor nos faz pensar paradoxalmente, podendo-se integrar, ao mesmo tempo, opostos ou contrários. A grande contribuição da filosofia de Derrida está em compreender que o sentido não está determinado a partir de uma ideia pré-dada. O sentido emerge e brota do contexto, do lugar e não a partir de um pai ou de um deus que dita a verdade desde sempre e de um horizonte metafísico, sem considerar a vida em sua historicidade.³

Derrida, através de sua literatura, esclarece que o pensamento moderno nos ensinou que existe uma GRANDE LUZ e esta vai iluminando as realidades sem-luz. Argumenta o filósofo que a modernidade nos ensina que existe um grande PAI iluminado, imutável, invisível, onisciente, onipotente e onipresente. Um pai que ilumina, um pai que controla, um pai que protege, um pai que diz o que é certo e o que está errado. Um pai que deixa agir seus filhos com certa liberdade, mas depois dá uma volta para ver se a ação dos filhos está conforme seus planos, sua ótica e seus interesses.⁴

Jacques Derrida lembra, em diferentes momentos da sua obra, que este jeito de pensar caracteriza o princípio logocêntrico e sua consequente lógica metafísico-conceitual. O referido autor esclarece que o logocentrismo pressupõe uma origem. Pressupõe também um centro. Pressupõe que a origem seja e/ou determine o centro. Esse princípio logocêntrico e sua consequente lógica metafísico-conceitual devem ser compreendidos como um “sistema”⁵.

A metafísica ocidental na sua conceitualidade, como sistema, opera numa compreensão em que: o sentido já está dado; a origem é o sentido; o princípio é o

² Para entender o pensamento de Jacques Derrida, veja também: HAHN, Noli Bernardo. Jacques Derrida: este que pensou desconstruções. In: OLIVEIRA JÚNIOR, José Alcebiades (org.). **Faces do multiculturalismo**: teoria, política, direito. Santo Ângelo: Ediuri, 2007, p. 185-197. HAHN, Noli Bernardo; ANGELIN, Rosângela. A construção de uma cultura de direitos humanos a partir da racionalidade descentrada: um caminho eficaz para a inclusão do outro. In: GAGLIETTI, Mauro; COSTA, Thaise Nara Graziottin; CASAGRANDE, Aline (org.). **O novo no direito**. Ijuí: Unijuí, 2013, p. 19-44.

³ O filósofo argeliano/francês nos deixou uma vasta obra. O leitor de Derrida percebe que seu pensamento descentrado perpassa toda a obra. Neste artigo fazem-se poucas citações e notas. Em Referências faz-se uma relação de algumas obras importantes que sustentam essa breve introdução ao seu pensamento descentrado e paradoxal.

⁴ Ao ler a literatura de Jacques Derrida, o leitor percebe que Derrida enxerga esse pensamento em algumas tradições religiosas que provêm do antigo oriente. Entre essas tradições, também algumas da cultura hebraica, cultura que está na base da cultura judaica, cristã e muçulmana.

⁵ DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005, p. 24.

significado. O pai do *lógos* “olha” os *lógoi*; ele sai “para ver”; o pai é o que supervisiona, controla o sentido, o significado, o nome⁶. É ele que vai dizer se está bem ou não. É ele que vai constituir e instituir o sentido.⁷ Quanto mais próximo da origem, menor é o risco do desvio, da falsidade, da inverdade. O *lógos* é a verdade imutável supervisionada pelo pai do *lógos* invisível, onisciente, onipotente e onipresente.⁸

Derrida, ao analisar textos⁹ especialmente de Saussure, Hegel, Rousseau e Lévi-Strauss, além de outros autores, procurando desvelar o logocentrismo subjacente aos seus escritos, esclarece a lógica fonocêntrica. Conforme o autor, “tal noção permanece, portanto, na descendência deste logocentrismo que é também um fonocentrismo: proximidade absoluta da voz e do ser, da voz e do sentido do ser, da voz e da idealidade do sentido”¹⁰.

Na lógica e visão logocêntrica, que também é fonocêntrica, se o pai do *lógos* sai ‘para ver’ e não concorda com o que vê, ele despreza, desconsidera, desvaloriza e anula. Tudo, por conseguinte, que se desvia *do* sentido não tem significado. O *lógos*, que institui o *mono* (monolinguismo), impõe limites, fecha-se sobre si, absolutiza, dogmatiza e despreza o que não estiver *no* sentido ou *no* significado.

Em *Gramatologia*, Derrida relaciona também etnocentrismo com logocentrismo. Ele afirma que o logocentrismo é “o etnocentrismo mais original e mais poderoso, que hoje está em vias de se impor ao planeta, e que comanda, numa única e mesma ordem”¹¹ o conceito da escritura, a história da metafísica e o conceito da ciência ou da cientificidade da ciência.

Ao relacionar etnocentrismo com logocentrismo, o filósofo argeliano parece dizer-nos que sua obra poderá (ou deverá?!) ser lida, como um todo, relacionando-a ao componente político da *desconstrução*, mesmo aqueles textos de rigor filosófico e estritamente filosóficos. Torna-se relevante lembrar que a Argélia, até 1962, fora colônia da França. Derrida teria declarado, poucos anos antes de sua morte, que tudo o que escreveu está relacionado, de certa forma, à condição colonial do país onde nasceu.¹²

⁶ Jacques Derrida comenta textos hebreus em relação a essa temática em *O animal que logo sou*.

⁷ O capítulo 2 de *A farmácia de Platão* é central para compreender essa ideia.

⁸ Os teólogos cristãos, ao dialogar com a filosofia grega, pactuaram com uma concepção logocêntrica. Derrida, como vimos, percebeu que a visão logocêntrica já está presente em textos mitológicos hebreus.

⁹ Essa parte refere-se, especialmente, a *Gramatologia*.

¹⁰ DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 14.

¹¹ DERRIDA, 2004, p. 3-4.

¹² Conforme vídeo biográfico *Aliás Derrida*.

Jacques Derrida relaciona, portanto, etnocentrismo com logocentrismo. Em suas críticas à racionalidade que nasce de um *lógos*, ele aponta conexões entre logocentrismo, etnocentrismo e, também, com o monolinguismo. O monolinguismo do outro¹³ - daquele que se impõe sobre, sobrepõe, despreza, anula, desconsidera, dizima, desvaloriza, não tolera e muito menos acolhe – consiste numa afirmação de uma noção etnocêntrica que, em sua origem, é logocêntrica e fonocêntrica.

As incidências práticas, as consequências políticas dessa estrutura mental, podem ser e geralmente são catastróficas. O logocentrismo, o fonocentrismo, o etnocentrismo e o monolinguismo apagam, destroem e anulam pluralidades, diversidades e diferenças. Estas – as diferenças e as diversidades - não cabem no sistema fonocêntrico. Da mesma forma, na lógica logocêntrica, categorias de compreensão como historicidade, construção, espaço, tempo não estão imbuídas de sentido. Estas são categorias excluídas de sentido, pois nos esclarecimentos de Derrida, tais categorias encontram-se numa posição derivada e longe da voz original, natural e essencial.

Numa perspectiva política de desconstrução do sistema logo-fono-mono-etnocêntrico, o filósofo Jacques Derrida ajuda a pensar uma racionalidade descentrada e paradoxal para se pensar, por exemplo, a inter-relação de sentidos de opostos, de contrários. A riqueza de uma lógica descentralizadora e paradoxal, na perspectiva do filósofo referido, está exatamente em conseguir integrar o que o pensamento metafísico moderno ignorava. A estrutura mental logocêntrica e essencialista - portanto binária e dualista - impede uma percepção existencial, histórica e integrada da vida. A vida possui e integra, ao mesmo tempo, elementos paradoxais. A vida integra especificidades, singularidades, particularidades, mas também integra universais. No entanto, a fonte desses universais não pode ser concebida de além-vida, de além-história. Os universais devem gerar-se a partir da vida. O que é a vida? A vida inexistente sem espaço e tempo. Pelo menos enquanto nós humanos participamos dela. Espacialidade e temporalidade são faces da vida. Estas são faces da vida porque a vida é finita: esta é vivida e experimentada num tempo, num espaço e em contextos bem específicos. O sentido, sob este olhar, terá de brotar da existencialidade situada num espaço e contexto onde a vida, em sua plenitude, acontece.

¹³ O livro que é fundamental para compreender esta perspectiva é: DERRIDA, Jacques. *O monolinguismo do outro ou a prótese de origem*. Porto: Campo das Letras, 1996.

Vamos, pois, às contribuições de Derrida para se pensar inter-relações entre diferença e igualdade na lógica de uma racionalidade descentrada e paradoxal. Uma racionalidade descentrada e paradoxal é uma ‘racionalidade’ não nascida de um *logos*. A premissa da existência de uma GRANDE LUZ que ilumina realidades sem-luz não é o ponto de partida de uma racionalidade descentrada. Uma racionalidade descentrada não parte do pressuposto de que exista um centro-de-sentido do qual deriva ‘o’ sentido para todos os contextos e situações; não parte, também, do pressuposto de que os significados brotam de um núcleo central. Compreender esta ideia central ajuda a traçar outra racionalidade, outra lógica, outro caminho. Esta outra lógica terá de partir de outro lugar que não seja um centro-de-sentido, do qual brotam, conforme Derrida, todas as significações. Este outro lugar tem nome. Aliás, vários nomes: contexto, lugar, experiência, vivência, existência, cotidiano, entre outros.

Homogeneidade, unidade, universalidade, unicidade, centramento são palavras/categorias que denotam sentido (*o* sentido!) a partir de uma racionalidade centrada, ou seja, uma racionalidade logo-fono-mono-etnocêntrica, portanto essencialista. Desconstruir essa racionalidade foi a grande batalha desenfreada por Derrida ao longo de meio século de escritos. Ao ler seus textos, percebe-se, no entanto, que desconstruir não é anular a herança filosófica e literária¹⁴. A essa herança, diz ele, somos devedores e necessitamos homenageá-la. Essa postura nobre de quem reconhece não deve ser entendida como se o reconhecedor pactuasse com um sistema¹⁵ que necessita, conforme o filósofo, ser desconstruído.

A ‘racionalidade’ que não é mais nascida de um *lógos* “inaugura a destruição, não a demolição, mas a de-sedimentação, a desconstrução de todas as significações que brotam da significação de *lógos*. Em especial a significação de verdade”¹⁶.

¹⁴ Jacques Derrida, em seus textos, em diferentes momentos, insiste na ideia de que desconstruir não é anular a herança.

¹⁵ Subentende-se o sistema metafísico-ocidental e logocentrista. No entanto, este esquema mental não foi inventado apenas pela filosofia ocidental. Como já se afirmou anteriormente, este esquema já está presente em algumas tradições teológico-religiosas em povos do Antigo Oriente. A Bíblia Hebraica integrou em suas múltiplas tradições, também este esquema de pensamento que subjaz a alguma tradição teológica. Porém, adiantando já uma ideia que será aprofundada posteriormente, a Bíblia Hebraica integra tradições que não se identificam com este esquema de pensamento. Situam-se nela esquemas de pensamento que podem ser denominados de descentrados e desconstrucionistas.

¹⁶ DERRIDA, 2004, p.13.

O que Derrida fez foi metodicamente desconstruir uma estrutura (*a* estrutura!), uma racionalidade (*a* racionalidade!) que, conforme o referido autor, faz pensar apenas homogeneidades e jamais diferenças. De certa forma, este foi o fundamento da desconstrução. Derrida sempre criticava o desengajamento crítico da análise estrutural. Para o autor, desconstruir é fazer perceber as alienações políticas da linguagem; é lutar contra a dominação dos estereótipos; é combater a tirania das normas. Percebe-se assim o alcance político¹⁷ da obra desconstrucionista derridareana.

Quais foram as descobertas de Jacques Derrida para poder de-sedimentar “todas as significações que brotam da significação de *lógos*”? Em suas críticas ao fonocentrismo e, conseqüentemente, ao etnocentrismo, ao logocentrismo e monolinguismo, o filósofo afirma a não existência de uma escrita fonética que precede a escrita e está convencido de que não há escrita pura e rigorosamente fonética.¹⁸

Com essas duas ‘descobertas’, ele destituiu do poder o *pai do lógos* e o *lógos*. O escrito deixa de ser um suplemento da voz que tem relação essencial com o *lógos*, aquele que é vigiado, supervisionado e controlado pelo pai invisível, eterno, onisciente, onipotente e onipresente. Com o desaparecimento do pai do *lógos*, do *lógos* e da voz pura, plena e natural, tem-se o escrito que institui e constitui o sentido, o significado sempre descentrado. Abre-se o *rastro*¹⁹ da polissemia, das ambigüidades e das possibilidades.

Derrida recorre, também, à metáfora de “eixo” e “pólos” para esclarecer a ambigüidade de sentido na palavra *phármakon* e com essa metáfora aclarar o *rastro* das possibilidades de sentido. Vejamos o que ele diz:

A tradução corrente de *phármakon* por *remédio* – droga benéfica – não é de certa forma inexata. Não somente *phármakon* poderia querer dizer *remédio* e desfazer, a uma certa superfície de seu funcionamento, a ambigüidade de seu sentido. Mas é evidente que, a intenção declarada de Theuth sendo a de fazer valer seu produto, ele faz girar a palavra em torno de seu estranho e invisível *eixo* e a apresenta sob apenas um, o mais tranquilizador, de seus *pólos*. Esta medicina é benéfica, ela produz e repara, acumula e remedia, aumenta o saber e reduz o esquecimento. Contudo, a tradução por ‘remédio’ desfaz, por sua saída da língua grega, o outro

¹⁷ Quando se lê, por exemplo, *Gramatologia* e *A farmácia de Platão*, que são obras filosóficas, do início ao fim percebe-se o combate à perspectiva autoritária e reducionista que uma linguagem pode integrar.

¹⁸ Ao fazer a análise minuciosa de *desconstrução* do pensamento de vários autores (Saussure, Hegel, Lévi-Strauss, Rousseau) em *Gramatologia*, vai se percebendo claramente essas ‘descobertas’.

¹⁹ Rastro, Spuhr em alemão, é uma metáfora central para entender o pensamento de Derrida. Na filosofia do referido filósofo, não há uma palavra que seja um conceito, em sentido absoluto, com um sentido ou significado único. Todas as palavras são polissêmicas. Pode-se falar no *rastro* do *logos*, onde o sentido único se impõe, como, também, há a possibilidade de se falar no *rastro* do descentramento, onde podem emergir muitos sentidos, conforme o lugar.

pólo reservado na palavra *phármakon*. Ela anula a fonte da ambiguidade e torna mais difícil, senão impossível, a inteligência do contexto. Diferentemente de ‘droga’ e mesmo de ‘medicina’, *remédio* torna explícita a racionalidade transparente da ciência, da técnica e da causalidade terapêutica, excluindo assim, do texto, o apelo à virtude mágica de uma força à qual se domina mal os efeitos, de uma dinâmica sempre surpreendente para quem queria manejá-la como mestre e súdito.²⁰

Essa longa citação esclarece uma das teses centrais do filósofo: a palavra girando num *eixo* apresenta *pólos*. Os *pólos* evidenciam a ambiguidade de sentidos, as possibilidades de deslizamentos e de deslocamentos. *Phármakon* pode significar ‘droga’ ou ‘remédio’. A fonte da ambiguidade está inerente à palavra que significa. Quando esta fonte for anulada torna-se impossível a inteligência do contexto. O pai do *lógos* e o *lógos* sempre anulam a fonte da ambiguidade e instalam a exatidão, a mesmidade, a unicidade, a unidade, o centramento, a homogeneidade e a universalidade.

A ‘racionalidade’ que não é mais nascida de um *lógos* desequilibra a estrutura e abre o signo. Pode-se falar de novos ‘conceitos’ e novos ‘modelos’ que fogem ao sistema de oposições metafísicas. Uma ‘racionalidade’ não nascida de um *lógos* concebe o signo como significado fugidio e como significante sem fundo. A cadeia significante, que se desprende e foge da lógica do *lógos*, da corrente do *lógos*, remete a uma significação sempre descentrada. As teorias estruturalistas e semiológicas, que estão presas, acorrentadas ao dualismo, ao nominalismo, ao universalismo, ao idealismo recebem uma crítica radical no momento em que o signo é concebido como significação sempre deslocada, deslizada, descentrada de um centro e de um foco único.

Derrida, em seus escritos, pergunta pelo significado último que, na lógica logocêntrica, está muito evidente e claro. Jacques Derrida afirma que no mundo dos significados e significantes não há fundo. Apenas há a escrita de uma escrita. E uma escrita remete a outra escrita fazendo com que o prospecto dos signos seja infinito.

Integram-se, aqui, duas citações, que ajudam a entender o tema em discussão. Em *Gramatologia*, quando Derrida reflete o fim do *Livro* e o começo da *Escritura*, afirma:

O advento da escritura é o advento do jogo; o jogo entrega-se hoje a si mesmo, apagando o limite a partir do qual se acreditou poder regular a circulação dos signos, arrastando consigo todos os significados tranquilizantes, reduzindo todas as praças-fortes, todos os abrigos do fora-de-jogo que vigiavam o campo da linguagem. Isto equivale, com todo o rigor, a destruir o conceito ‘signo’ e toda a sua lógica.²¹

²⁰ DERRIDA, 2005, p. 61.

²¹ DERRIDA, 2004, p. 8.

O fim do *Livro* significa a de-sedimentação, a destruição, a desconstrução do conceito signo (o signo) e toda a sua lógica. O fim do *Livro* refere-se ao fim da lógica fonocêntrica/logocêntrica. O começo da *Escritura* é também o início do *jogo*, pelo qual vai se apagando o limite que regula o signo. Qual limite? Na lógica do pai do *lógos*, do *lógos*, o limite está dado. Há o limite delimitado. Tem-se o sentido, o significado. Exatidão delimitada. Agora, na outra ‘racionalidade’, o *jogo*, que apaga o limite, faz surgir, numa operação de “transbordamento”²², a circulação de signos infinitamente. A metáfora do *jogo* faz entender a ‘racionalidade’ que não provém do *lógos*. Agora, como não há mais limite, porque não há fundo que delimita o sentido, a produção de signos acontece de escrita para escrita.

Em *A farmácia de Platão*, quando Derrida discute a tradução do termo *phármakon*, traz mais detalhes para compreender a ‘racionalidade’ descentrada. Vejamos uma parte do texto:

Remédio, menos que o fariam sem dúvida ‘medicina’ ou ‘droga’, obstrui a referência virtual, dinâmica, aos outros usos da mesma palavra da língua grega. Sobretudo, uma tal tradução destrói o que chamaremos, mais adiante, a escritura anagramática de Platão, interrompendo as relações que nela se tecem entre diferentes funções da mesma palavra em diferentes lugares, relações virtualmente mas, necessariamente, ‘citacionais’. Quando uma palavra inscreve-se como a citação de um outro sentido dessa mesma palavra, quando a antecena textual da palavra *phármakon*, significando remédio, cita, re-cita e permite ler o que na mesma palavra significa num outro lugar e a uma outra profundidade da cena, veneno (por exemplo, pois *phármakon* quer dizer ainda outras coisas), a escolha de uma só dessas palavras pelo tradutor tem como primeiro efeito neutralizar o jogo citacional, o ‘anagrama’, e, em último termo, simplesmente a textualidade do texto traduzido.²³

Derrida fala de “diferentes funções da mesma palavra em diferentes lugares”; “relações virtualmente citacionais”; “palavra que se inscreve como a citação de um outro sentido dessa mesma palavra”; remédio ou veneno: “a escolha de uma só dessas palavras pelo tradutor tem como primeiro efeito netralizar o *jogo* citacional”. Traduzir apenas por *remédio*, “obstrui a referência virtual, dinâmica, aos outros usos da mesma palavra”.

A partir dessas ideias pode-se notar que a palavra, inerente a ela, encontra-se citada de mais de um sentido. Há mais de um sentido citado numa mesma palavra. Essas citações de diferentes sentidos numa mesma palavra, num mesmo ‘conceito’²⁴, são (ou representam)

²² Para Jacques Derrida, transbordamento e apagamento são um único e mesmo fenômeno. Veja em *Gramatologia*, p. 8.

²³ DERRIDA, 2005, p. 63.

²⁴ Aqui, conceito não pode ser entendido como palavra que integra um único sentido pré-dado de ótica logocentrista.

o *jogo* citacional da possibilidade do transbordamento, do descentramento, do deslizamento, do deslocamento. Se inerente à palavra há pólos de sentido, se há mais de um sentido, se há relações que se tecem, estas relações se tecem “entre diferentes funções da mesma palavra em diferentes lugares”. Percebe-se que os sentidos inerentes à palavra deslizam, transbordam, saem de dentro, a partir e em função de “diferentes lugares” já citados na palavra. Tal palavra integra uma dinâmica do *jogo* citacional. Os sentidos interiores à palavra, no entanto, não são determinados por um pai de *lógos* ou um *lógos*. Não há o sentido constituído, instituído, centrado num pai invisível ou numa autoridade. Existem, sim, os sentidos citados. Sentidos citados a partir e em função de um lugar.

Esta racionalidade possibilita pensar diferença e igualdade inter-relacionados. A grande contribuição do filósofo Derrida está no entendimento de que é o contexto, o lugar, em toda a sua vitalidade histórica, que transborda sentido. A partir desta racionalidade é possível pensar em experiências, em cotidiano, em existência, em história. A partir dessa lógica é possível pensar em igualdade substantiva e não apenas numa igualdade formal. Inerente a essa lógica, a diferença transborda sentido, correlacionando-se com igualdade, incidindo num entendimento em que igualdade não poderá ser compreendida fora do eixo da diferença.

No desafio em entender a inter-relação entre igualdade e diferença, passa-se, a seguir, a refletir integrantes da cultura hebraica, especificamente a sua estrutura de pensamento teológico-religiosa paradoxal e descentrada. Nessa reflexão procura-se apontar incidências éticas e jurídicas que decorrem da lógica descentrada, o que possibilita conectar diferença e igualdade.

Desafio teológico, ético e jurídico

Nesta parte, pretende-se esclarecer que a lógica paradoxal necessária para pensar, ao mesmo tempo, a igualdade e a diferença, encontra-se presente na concepção teológica hebraica em que Deus é, ao mesmo tempo, imanente e transcendente. A Bíblia, coletânea de livros que provêm da cultura hebraica, judaica e cristã, especificamente, além de integrar experiências e tradições de inúmeros povos do Antigo Oriente, é resultado de uma história

milênar intercultural²⁵ e intersubjetiva. Não é possível falar no singular: *o Deus* da Bíblia.²⁶ Os diversos povos e as muitas culturas, em suas vivências e relações, construíram memórias e tradições interculturais. O texto bíblico está repleto de experiências, tradições e memórias em que há a interface de várias faces que compuseram a face ou o rosto final de um texto.²⁷

Ao olhar o rosto final, a diversidade e a pluralidade mantiveram-se. A riqueza da multiculturalidade evidencia-se na interculturalidade. A Bíblia traz memórias de deuses (e até de deusas, mesmo que os textos, em sua maioria, foram escritos numa cultura patriarcal) que provêm de distintas culturas e tradições religiosas. Conforme o nome de Deus, no original Hebraico, e decorrente do sentido desse nome, conseguem-se ler as experiências de vida e as experiências de fé que se alicerçam sob esse nome. O nome de Deus, na verdade, consiste numa compreensão teológica, ou seja, numa teoria teológica. O nome pode ser compreendido como sendo a grande síntese da tese teológica historicamente elaborada e religiosamente vivida.

Sob este enfoque, quer-se, nesse texto, refletir sobre o sentido paradoxal e descentrado dos nomes IAHWEH e IMNUEL e suas relações com o entendimento que os primeiros cristãos tiveram de Jesus. Discernir a estrutura teológica paradoxal e descentrada que subjaz aos nomes mencionados é fundamental para se entender as implicações éticas decorrentes dessa estrutura de pensamento.

Javé (ou lahweh) não é, na tradição teológica hebraica, uma divindade a-histórica, no sentido de não se comprometer com a história. Não é uma divindade, também, fora da história. O verbo “ser”, “estar”, incluso no nome lahweh,²⁸ faz entender conexões com a história. No nome transborda o sentido de ‘estar’ aí, de ‘estar’ presente, de ‘ser aí’ misturado com a história de pessoas e povos. Javé é, ao mesmo tempo, espírito (invisível) e presença histórica (visível). Ele é, ao mesmo tempo, presença e ausência. Ele é, ao mesmo

²⁵ Diversas pesquisas históricas e arqueológicas, realizadas nos séculos XIX e XX, apontam para esta conclusão. Norman Gottwald, pesquisador norte-americano, é um dos autores que aqui pode ser lembrado.

²⁶ Apenas para exemplificar, nós temos na tradição do Antigo Testamento vários nomes de deuses: Adonai, Elohim, lahweh, Emanuel, além de nomes de deusas, como Asherah. Cada nome significa uma teoria teológica.

²⁷ Inúmeras pesquisas foram realizadas nos séculos XIX e XX em relação à História da Redação (Redaktiongeschichte) do texto bíblico. As pesquisas esclarecem que o texto bíblico contém várias camadas literárias. O texto bíblico foi escrito e reescrito durante vários séculos. Lembra-se, como exemplo, apenas um autor que provém da tradição Luterana e que escreveu inúmeros livros e artigos integrando pesquisas de História da Redação: Hans Walter Wolff.

²⁸ Importante ressaltar que o nome IAHWEH, na língua hebraica, constrói-se a partir do verbo ser ou estar.

tempo, imanente e transcendente. Nessa estrutura teológica, o formal e o substantivo (material) se misturam, ao mesmo tempo. O genérico e o específico, igualmente, como estrutura, se mesclam, ao mesmo tempo.

Essa corrente teológica se estende de Javé a IM-NU-EL (junto a nós Deus) e se plenifica na consciência dos primeiros cristãos em que se elabora teologicamente o reconhecimento de Jesus como Deus. Um homem, nascido de mulher, inculturado no judaísmo e que rompe com tradições dessa cultura religiosa, é reconhecido como Deus. O que se procura enfatizar é esta noção paradoxal: Jesus é, ao mesmo tempo, espírito e matéria. Jesus é, ao mesmo tempo, Deus e gente, corpo e espírito. Ele é, ao mesmo tempo, humano e divino, imanente e transcendente. Essa noção paradoxal vem de uma racionalidade descentrada, pois Jesus é reconhecido como Filho de Deus a partir da memória de sua presença histórica, a partir de sua prática, a partir do que ele fez. Chega-se a reconhecê-lo como Deus não apenas a partir de uma imagem divina (imagem pré-dada), mas a partir da observação, a partir da convivência num espaço e tempo, a partir de encontros e experiências. Nesse sentido, chega-se à ideia de Deus através de um modo de raciocínio indutivo e não dedutivo. O que se quer realmente enfatizar é que o nome de Deus é um construído. Nessa concepção, Deus não é uma essência pura, perfeita e imutável. A síntese teológica presente nos nomes Iahweh, Imnuel e Jesus-Deus, nascido de mulher, revela um entendimento que não se confunde com a perspectiva metafísica. Relacionando esta reflexão do nome de Deus com a ótica da filosofia de Jacques Derrida, pode-se afirmar que o sentido do nome divino é dado a partir do lugar, do contexto e não a partir de uma ideia pré-concebida.

Nessa lógica se situa a teologia profética. A teologia elaborada pelos profetas bíblicos é uma teologia contextual. É teologia de uma época, de um lugar e de um tempo. É teologia marcada e selada por um contexto. A teologia elaborada pelos profetas hebreus tem o selo do tempo e do espaço. A leitura e a releitura estão imbuídas pelo espírito do seu tempo, no entanto não desconectadas de uma tradição. O anúncio profético pressupõe e tem profunda interconexão com a denúncia, e não o contrário. Chega-se ao anúncio, via denúncia. Primeiro se faz o diagnóstico para se chegar ao prognóstico. O processo de DISCERNIMENTO

é mais indutivo do que dedutivo.²⁹ A partir da literatura profética não é possível dizer que possa existir 'a' palavra de Deus, em sentido singular. Existem, sim, palavras de Deus. Na visão profética, Deus não repete a mesma palavra, ignorando o contexto. É o contexto que inspira a palavra, por isso Deus diz palavras diferentes, conforme o lugar.

Deus-essência, pai do *logos*³⁰, não consegue dizer palavras diferentes conforme o contexto. O lugar não tem significado e sentido na concepção de um Deus Pai do *Lógos*. Na cultura hebraica, sendo Deus concebido como presença histórica – Im-Nu-El – sua palavra inspira-se desde o mundo da existencialidade humana, que acontece num tempo e espaço.

A partir desse entendimento é possível pensar em interligar uma estrutura de pensamento descentrado e paradoxal com nomes de deuses que integram exatamente esta estrutura. Iahweh, ImNuEl, Jesus como ser humano e Deus, integram a paradoxalidade de contrários, ao mesmo tempo. Tal paradoxalidade fere o sistema logocêntrico, em sua raiz, pois este sistema não consegue afastar-se de homogeneidades, abstrações e universalidades de fundamento metafísico.

O Deus Javé, Emanuel e Jesus, a partir de sua estrutura teológico-conceitual, integra compromisso ético com a história, em sua dimensão plural e diversa. Pluralidades e diversidades integram-se ao esquema ou à estrutura descentrada, onde não se tem um Deus-centro de onde brotam todos os sentidos. Javé, Emanuel, Jesus é um Deus histórico, imanente, mas também é um Deus espírito, transcendente, ao mesmo tempo. No entanto, não é um Deus espírito desvinculado da história no sentido de dizer sua palavra sempre com o mesmo sentido. O sentido da sua palavra é dado, em boa medida, pelo contexto histórico do tempo presente. A noção descentrada e paradoxal possibilita esse entendimento.

A grande contribuição, portanto da filosofia de Derrida está em perceber e compreender esta estrutura descentrada, de sentidos infinitos citados numa mesma palavra, em rastros de sentidos deslocados, sentidos que deslizam infinitamente, em que o lugar ou o contexto é criador de sentidos. Este paradoxo, inerente aos nomes divinos, inspira e motiva

²⁹ Neste artigo, não há espaço para detalhar com uma exegese de um texto profético todos os argumentos dessas conclusões. Na América Latina, inúmeras teses de doutorado e obras publicadas esclarecem e provam as conclusões sinteticamente apresentadas no texto. Cita-se apenas um pesquisador brasileiro que publicou inúmeras pesquisas argumentando a teologia profética como teologia contextual: Dr. Milton Schwantes.

³⁰ Para entender esta linguagem deve-se recorrer aos estudos ou à filosofia de Jacques Derrida.

compromissos éticos para que a vivência religiosa integre a luta pela efetividade dos direitos, direitos esses que também são constituídos de sentido num processo histórico de ressignificação permanente.

A noção paradoxal em que um Deus transcendente é, também, imanente, incide num entendimento de compromissos com a história. Deus que transcende a história, ao mesmo tempo, assume a história. Desse entendimento decorre a opção e a decisão de comprometer-se com os rumos da história humana. Da noção paradoxal em que Deus é, ao mesmo tempo, corpo e espírito, sendo o corpo reconhecido como divino, como face divina, como integrante divino, decorre (dessa tese teológica) a interpelação por cuidados com a corporeidade. O desafio ético, portanto, está em ser interpelado pela história humana, em suas distintas dimensões, especialmente por situações e contextos em que pessoas ou coletividades são violadas em seus direitos. Os compromissos com a história humana e os cuidados com a corporeidade significam, desde a perspectiva ética, responsabilizar-se com pessoas e povos especialmente os mais vulneráveis. Entende-se por vulneráveis especialmente aqueles povos e estas pessoas que se encontram submetidos às mais distintas situações em que seus direitos, tanto individuais, como coletivos, são violados.

Afirmou-se acima que os direitos são constituídos de sentido num processo histórico de ressignificação permanente. Uma das metas de um processo de ressignificação permanente dos direitos é atingir uma maior amplificação do acesso à justiça. Para possibilitar esse prolongamento ou amplificação do acesso à justiça, central e decisivo é interligar paradoxalmente a igualdade com a diferença. Juan Scott, ao escrever sobre igualdade, argumenta que este princípio deve ser entendido de forma paradoxal. Entende ela que “A igualdade é um princípio absoluto e uma prática historicamente contingente”³¹. Para entender esse paradoxo, afirma Scott que “Não é a ausência ou a eliminação da diferença, mas sim o reconhecimento da diferença e a decisão de ignorá-la ou de levá-la em consideração”³².

Ao levar-se em consideração a diferença, a igualdade não pode ser concebida apenas em sentido formal. Necessariamente precisa-se levar em conta peculiaridades, singularidades e particularidades, sejam estas individuais ou grupais.

³¹ SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, v. 13, n. 1, 2005, p. 14.

³² SCOTT, J. W., 2005, p. 15.

Os estudos de Flávia Piovesan ajudam a entender a conexão necessária que se deve estabelecer entre igualdade e diferença para que a justiça se efetive. Afirma essa autora que “a exigência contemporânea de igualdade substantiva e real e não meramente formal”³³ é fundamental para se implementar o direito à igualdade. Nesse horizonte, pode-se inserir Norberto Bobbio. Ele afirma que a

universalização (ou indistinção, ou não-discriminação) na atribuição e no eventual gozo dos direitos de liberdade não vale para os direitos sociais e nem mesmo para os direitos políticos, diante dos quais os indivíduos são iguais só genericamente, mas não especificamente.³⁴

A noção paradoxal é imprescindível para entender o que Juan Scott, Flávia Piovesan e Norberto Bobbio propõem. A implementação do direito à igualdade não acontece, de fato, sem a conexão de interdependência e de tensão com o direito à diferença. A lógica paradoxal impede que se entenda igualdade e diferença como conceitos opostos. A paradoxalidade mostra-se como um pensamento necessário à inclusão do outro, num processo de amplificação do sujeito de direitos e, ao mesmo tempo, de acesso à justiça.

Considerações Finais

Pensar paradoxalmente apresenta-se como um novo jeito de compreender a lógica da vida. Diz-se novo pelo fato de termos tido uma educação, durante séculos, em que fomos aculturados a pensar opostos, numa lógica binária, dual e fonocentrista. Pensar paradoxalmente, onde conceitos não se opõem, mas se conectam numa interdependência e tensão permanente, é um dos desafios dos tempos atuais em que apostamos em democracia, em inclusão e em igualdade com diferença sem hierarquias.

Visitar teologias que se elaboram dentro de uma compreensão paradoxal incide num entendimento de que o sentido da vida integra o compromisso e o cuidado com a vida de pessoas e povos, especialmente os mais ameaçados de terem seus direitos não reconhecidos, garantidos e efetivados. Pensar, ao mesmo tempo, a partir da diferença e da igualdade se impõe como um dos grandes desafios da atualidade para que a justiça se efetive. Justiça deve ser compreendida como sendo um conceito, ao mesmo tempo, jurídico, ético e teológico.

³³ PIOVESAN, Flávia. **Temas de direitos humanos**. 3. ed., São Paulo: Saraiva, 2008.

³⁴ BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Rio de Janeiro: Campus, 1992, p. 70.

O pensamento teológico hebreu, portanto, pode auxiliar no entendimento dos direitos e da justiça numa perspectiva de racionalidade descentrada e paradoxal. Resgatar a compreensão de um Deus histórico, em contraposição a um Deus metafísico, é fundamental para subverter e desconstruir um esquema mental teológico e religioso onde “todas as significações [...] brotam da significação de *lógos*”³⁵. Jacques Derrida, sem dúvida, é um pensador que nos desafia a desconstruir teologias e vivências religiosas de inspiração metafísica e a conceber os direitos histórica e contextualmente, em que os princípios da igualdade e da diferença devem ser integrados numa interdependência tensional.

Referências

BOBBIO, Norberto. **Era dos direitos**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

DERRIDA, Jacques. **Gêneses, genealogias, gêneros e o gênio**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. São Paulo: UNESP, 2002.

DERRIDA, Jacques. **O monolinguismo do outro ou a prótese de origem**. Porto: Campo das Letras, 2001.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

Hahn, Noli Bernardo. Jackes Derrida: este que pensou desconstruções. In: OLIVEIRA JÚNIOR, José Alcebíades (org.). **Faces do multiculturalismo: teoria, política, direito**. Santo Ângelo: Ediuri, 2007, p. 185-197.

Hahn, Noli Bernardo; ANGELIN, Rosângela. A construção de uma cultura de direitos humanos a partir da racionalidade descentrada: um caminho eficaz para a inclusão do outro. In: GAGLIETTI, Mauro; COSTA, Thaise Nara Graziottin; CASAGRANDE, Aline (org.). **O novo no direito**. Ijuí: Unijuí, 2013, p. 19-44.

³⁵ DERRIDA, 2004, p.13.

NASCIMENTO, Evandro (org.). **Jacques Derrida** – Pensar a desconstrução. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

PIOVESAN, Flávia. **Temas de direitos humanos**. 3. ed., São Paulo: Saraiva, 2008.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, v. 13, n. 1, p. 11-30, 2005.